

JORGE AMADO NO ESPAÇO BIOGRÁFICO: UMA VIDA, ONZE NARRATIVAS

MARINA SIQUEIRA DREY (DOUTORANDA)
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
(marinasiqueiradrey@gmail.com)

RESUMO: Este artigo se propõe a discutir onze obras do espaço biográfico que têm o escritor Jorge Amado como protagonista. Especificamente, o foco de análise se dá nas produções não canônicas do gênero biográfico — como publicações de edições comemorativas, relatos pessoais e livro de entrevista — a fim de apresentar a pesquisadores e público interessado na obra e trajetória pessoal do autor: i) um mapeamento dessas narrativas; ii) uma descrição geral de tais obras; e iii) uma análise dessa seleção a partir de três pilares dos textos de natureza biográfica, a saber: a subjetividade dos partícipes, a materialização da narração e a troca entre os sujeitos (ARFUCH, 2010).

Palavras-chave: Jorge Amado. Espaço biográfico. Crítica biográfica.

Artigo recebido em: 30 jul. 2020.
Aceito em: 14 ago. 2020.

JORGE AMADO IN THE BIOGRAPHIC SPACE: A LIFE, ELEVEN NARRATIVES

ABSTRACT: This article proposes to discuss eleven works from the biographical space that has the writer Jorge Amado as protagonist. Specifically, the focus of analysis is on non-canonical productions of the biographical genre — such as commemorative's publications editions, personal reports and book of interviews — an exhibition of researchers and audiences interested in the author's works and personal trajectories: i) a mapping of those narratives; ii) a general description of such works; and iii) an analysis of this selection based on three pillars of the texts of the biographical nature, namely: the subjectivity of the parties, the materialization of the narration and the exchange between individuals (ARFUCH, 2010).

Palavras-chave: Jorge Amado. Espaço Biográfico. Crítica biográfica.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS: NARRATIVAS BIOGRÁFICAS E JORGE AMADO¹

Para Bakhtin (1982 citado em ARFUCH, 2010, p. 55) “um valor biográfico não só pode organizar uma narração sobre a vida do outro, mas também ordena a vivência da vida mesma e a narração da nossa própria vida, esse valor pode ser a forma de compreensão, visão e expressão da própria vida”. A respeito dessa ideia de *valor* da narrativa biográfica, Leonor Arfuch (2010) defende que as escritas de caráter biográfico devem ser vistas como construções discursivas e por isso não restritas a relatos objetivos nos quais identidades essencialistas se configuram. Isto é, para a autora, no caminho contrário, tais espaços/formas de narração do “eu” devem ser vistos como lugares em que há uma identidade narrativa dialogicamente constituída, o que significa estar atento a pelo menos três questões, a saber: a da subjetividade dos sujeitos, a das formas de narrar, e a da relação dialética entre o *eu* e o *outro*.

É assumindo tais postulados frente às escritas de si — que reconhecem os textos de natureza biográfica com as três condições mínimas mencionadas — que proponho a leitura de onze obras do universo biográfico que, de uma

¹ Este texto baseia-se em um capítulo da minha Dissertação de Mestrado (disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/177774>), sendo o recorte aqui apresentado inédito no formato de artigo.

maneira ou outra, apresentam o escritor Jorge Amado como personagem biografado. Destaco a opção pelo registro “obras” e não “biografias” porque até 2019 não havia publicação “oficial” (no formato canônico do gênero) de uma biografia sobre o escritor. Isto é, até o ano mencionado, a narrativa de vida de Amado circulou por outros formatos, desde compilações de edições comemorativas a livro de entrevista, mas nenhuma delas foi suficiente para ser reconhecida com o *status* de biografia, tanto para o mercado editorial quanto para o público. Dessa forma, em linhas gerais, a essas obras foi relegado papel menor no universo de produções das escritas de si sobre o autor, tendo pouco conhecimento do público e nenhum estudo como este aqui proposto. Assim, este artigo procura se debruçar sobre tais produções a fim de apresentar a pesquisadores e público interessado: i) um mapeamento dessas narrativas; ii) uma descrição geral de tais obras; e iii) uma análise dessa seleção a partir dos três pilares dos textos de natureza biográfica supracitados: a subjetividade dos partícipes, a materialização da narração e a troca entre os sujeitos.

Para isso, organizei os livros selecionados por quatro blocos de semelhança, com o intuito de identificar aproximações em suas composições. Ao primeiro bloco, “Edições comemorativas: 30, 40 e 80 anos de vida literária”, coube a descrição dos três livros produzidos em homenagem aos aniversários de publicação do primeiro romance de Jorge Amado, *O país do carnaval*. O segundo, “A vida em unidades de materializações: ensaio, entrevista e relato”, foi organizado com quatro publicações que se dedicaram a trabalhar vida e obra de Jorge Amado por meio de padronização de escolha de gênero. Dessa forma, há “livro-entrevista”, “livro-ensaio e livro-relatos” nessa seção. O terceiro bloco, “A vida em narrativas híbridas: da cronologia à entrevista”, é constituído por três obras que privilegiaram mais de um gênero textual para manifestarem suas considerações biográficas a respeito do autor. Portanto, o mesmo livro pode ser constituído por ensaio, entrevista, fotografia, depoimento etc. Por fim, “Memórias (auto)biográficas: capitão de longo curso”, o último e quarto bloco de descrição, contextualização e apresentação das obras, destina-se exclusivamente aos “apontamentos” que o próprio Jorge Amado escolheu para destacar sobre sua vida.

Com intuito de facilitar a identificação das obras ao longo da análise, optei por indicar entre parênteses, após o título dos livros, um número, de 1 a 11. Assim, o leitor poderá ser guiado pela menção do numeral, mais fácil de assimilar do que os títulos das obras, por vezes, extensos e de difícil memorização. A ordenação dos algarismos organiza-se pela posição em que cada livro foi citado nas apresentações dos “blocos de semelhança”. Isto é, o primeiro será formado pelas obras 1, 2, 3; o segundo, pelas 4, 5, 6 e 7; o terceiro, pelas 8, 9 e 10; e, finalmente, o último bloco, pela obra 11.

CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS ACERCA D’O ESPAÇO BIOGRÁFICO

De acordo com Leonor Arfuch (2010), os gêneros biográficos podem ser reconhecidos para além dos gêneros canônicos, como a biografia e a autobiografia, em consequência da paradoxal e constitutiva duplicidade da globalização que intensificou a produção de narrativas de vida, permitindo que gêneros mais abrangentes e transversais, como a entrevista, o retrato de autoajuda, o anedotário, o testemunho, o blog, as “[...] variantes do *show — talk show, reality show*” (ARFUCH, 2010, p. 15), por exemplo, passassem a fazer parte deste universo de escrita, em razão de que estes seriam procedentes dos processos de subjetivação plurais e dinâmicos das ressignificações dos sujeitos. Canônicos ou não todos eles vêm integrar o que Arfuch denomina de *espaço biográfico*, terminologia que, nas palavras da teórica:

[...] se revelou altamente produtiva, enquanto horizonte analítico para dar conta da multiplicidade, lugar de confluência e circulação, de semelhança de família, proximidades e diferenças. A expressão, tomada emprestada de Philippe Lejeune (1980), vinha assim introduzir uma delimitação do universo.

[...] O empréstimo — na verdade, quase metafórico — se abria, no meu projeto, a outro desenvolvimento conceitual: *uma espacialização* [...] onde confluíam num dado momento formas dissimilares, suscetíveis de serem consideradas numa interdiscursividade sintomática, por si só significantes, mas sem renunciar a uma temporalização, a uma busca de heranças e genealogias, a postular relações de *presença e ausência*. (ARFUCH, 2010, p. 21-22, grifos da autora)

A ideia do espaço biográfico enquanto lugar no qual se fundem diversas configurações de subjetivação é, portanto, substancialmente compreendida como parte da composição do mundo contemporâneo e de sua correlacionada subjetividade que “ressuscitou” o sujeito naquilo reconhecido como a virada subjetiva² e colocou em voga a constituição heterogênea do ser. “Constituição” representada desde a diversidade narrativa do espaço biográfico que não se resume a um somatório de gêneros, mas, ao contrário, caracteriza-se como lugar de inteligibilidade no qual uma subjetividade dialógica e plural se constrói.

É somente nesse contexto que todas as onze materializações propostas são reconhecidos enquanto narrativas legítimas do biográfico, no sentido de não ocuparem categorias secundárias de classificação devido a suas construções que transbordam os limites das formas do cânone, tanto do gênero biografia

² Essa noção diz respeito ao aumento significativo — por volta dos anos de 1980 — do exercício da literatura do *eu*, que passa a ser objeto de manifestação pública, além de íntima, dado que a biografia é “reivindicada pela musa da história” (DOSSE, 2009, p. 16).

quanto do gênero autobiografia. Assim, essas obras poderiam ser lidas como a *hibridização da hibridização*, se dessa forma fosse possível defini-las; primeiro porque nessas narrativas estão contidas as questões “ficção ou história?”, “fabulação ou realidade?”, historicamente discutidas no que tange à tessitura biográfica; segundo porque — superada a primeira questão, pois a escrita da vida é ficção e história, tendo em vista, no mínimo, que ela se estrutura via linguagem — nenhuma se constitui, a rigor, como uma “biografia canônica”, se for possível colocar nesses termos, quando se vê a questão do formato em que se estruturam.

A exemplo de *Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado*, que se materializa com mais de um gênero do espaço biográfico: o primeiro corresponde a uma acepção clássica de biografia, pois se trata de uma narrativa cronológica, que ambiciona a totalização da vida do personagem Jorge Amado; já o segundo gênero contido na obra é a entrevista, partícipe do universo biográfico tanto quanto a própria biografia pura, conforme assevera Leonor Arfuch (2010). Aliados a esses dois gêneros, ao leitor ainda são propostos outros formatos (ensaios, fotos, depoimentos etc.) que, reunidos, intentam oferecer Jorge Amado em sua plenitude; ambição histórica do gênero biográfico, que é desconstruída, como Leonor Arfuch coloca, por meio da *ilusão biográfica*, tecida por Pierre Bourdieu (2006), sobre a qual discorrerei logo mais.

No que diz respeito ao único título assinado pelo próprio Jorge Amado, *Navegação de cabotagem: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei*, há propositalmente, a meu juízo, o anúncio do espaço mestiço, do discurso bastardo, quando abdica da qualidade de gênero maior ao assumir-se em uma realidade de “apontamento” e não de “memória”. Dessa forma, o autor retoma acontecimentos de sua vida por meio da negação do gênero memorialístico enquanto monumento, desde a origem, no prefácio.

Em vista de considerações como essas, é plausível que Leonor Arfuch tenha incorporado a perspectiva bakhtiniana dos gêneros do discurso no espaço biográfico, tendo em vista que esses se dão “como agrupamentos marcados constitutivamente pela heterogeneidade e submetidos a constante hibridização no processo da interdiscursividade social” (ARFUCH, 2010, p. 29). Assim, observa o dialogismo como uma dinâmica intrínseca à linguagem que possibilita, por um lado, a compreensão específica das formas que produz, e por outro

[...] habilita a ler, na dinâmica funcional do biográfico, em sua insistência e até em sua saturação, a marca da *falta*, esse vazio constitutivo do sujeito que convoca a necessidade de identificação e que se encontra [...] no *valor biográfico* — outro dos conceitos bakhtinianos — enquanto ordem narrativa e atribuição

de sentido à (própria) vida, uma ancoragem sempre renovada. (ARFUCH, 2010, p. 29-30, grifos da autora)

Por esse motivo assinala para o fato de que o universo do espaço biográfico se dá somente no interior da categoria da narrativa, uma vez que a possibilidade de contar uma vida, ou ainda, a de *restaurar* o vivido, existe somente em uma tessitura em que estão organizados fatos, sentimentos e afetos sob uma perspectiva temporal que é própria da narrativa. Isso porque a narrativa biográfica vem a ser um terceiro tempo, advindo da inseparabilidade entre ficção e história, configurado por um entre-lugar que renuncia a *mimesis* em prol da *poiésis*, que desloca o mesmo para um si mesmo para, finalmente, via narrativa, construir a vida.

Em outras palavras, a temporalidade separa o vivido do narrado e por isso se torna uma diferenciadora que fica entre a enunciação e a história, ou seja, entre o tempo do narrado e o tempo do ocorrido, conforme coloca o filósofo Paul Ricoeur (1994), em razão de que o tempo presente impõe sua perspectiva atual sobre o que foi contado, sem que o então autor, antes personagem, consiga abdicar dessa imposição. Nesse sentido, não há a possibilidade de um resgate, dado que a composição biográfica é a própria fragmentação do sujeito encadeada sobre uma identidade em construção, produção e, por conseguinte, invenção.

Assim, Arfuch remete-nos à “ilusão biográfica”, uma das críticas mais contundentes à biografia, tecida pelo sociólogo Pierre Bourdieu (2006) que identifica tal ilusão como a noção de unidade e progressão deslocada comumente de uma certa ideia de narrativa para o relato biográfico. Os pressupostos que configurariam a biografia, conforme observa Bourdieu, são construtos sociais — assim como é a noção de história unitária, constituída por uma sucessão cronológica, e orientada por uma intenção da qual um planejamento é depreendido — legitimados pelos contratos sociais a que somos resignados — os documentos oficiais de identificação, o nome próprio etc. Em suas palavras:

Tentar compreender uma vida como uma série única e autossuficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro liame que a associação a um “sujeito” cuja constância é sem dúvida apenas a do nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar reproduzir um trajeto de metrô sem levar em conta a estrutura da rede, ou seja, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações. Os acontecimentos biográficos se definem como colocações e deslocamentos no espaço social, ou, mais precisamente, nos diferentes estados sucessivos da estrutura de distribuição das diversas espécies de capital que estejam em jogo no campo considerado. (BOURDIEU, 2006, p. 88)

Em vista disso, podemos concluir que a organização dos fatos vividos não passa de uma ilusão, tal qual postula o autor, considerando-se que o sujeito não se restringe a uma ordenação exclusivamente cronológica quando efetua o movimento de contar um fato que se deu no passado, “como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um ‘sujeito’” (BOURDIEU, 2006, p. 189). Isto é, ao elaborar uma sequencialidade de acontecimentos, acaba por eleger fatos em conformidade com outros fatores que lhe são pertinentes e, dessa forma, estrutura a ilusão biográfica, pois a composição apresentada sempre poderá ser outra. Assim, desnuda a crença do senso comum de que a história de uma vida é passível de ser contada como um todo, por meio de uma lógica óbvia da trajetória narrada.

A essa pretensão ingênua, Bourdieu assinala que o que está posto em um trabalho biográfico será sempre o embate entre experiências e identidade, encadeadas pela via da comunicação e da linguagem, pois o desafio de escrever uma vida inscreve-se num espaço em que o factual histórico e o ficcional unem-se, ou conforme escreve Paul Ricoeur (1991, p. 191), encontram-se num “misto instável entre fabulação e experiência”.

Por esse motivo, ainda, os gêneros do espaço biográfico são tidos como *locus* transversal e interdisciplinar enquanto objeto de estudo, em razão de que trazem em si a interrogação a respeito do que seja, efetivamente, a significação da história de uma vida; quer dizer, o significado de narrar uma existência. Ao mesmo tempo, a significação da história delinea o gênero e exhibe uma indagação a respeito do conceito de história de vida, que, quando tomado pelo senso comum, como já observei, parte da premissa de que uma vida pode ser compreendida como narrativa, como relato, no qual a existência dos sujeitos é resultado de uma série de desdobramentos espaço-temporais demarcados por um começo, um meio e um fim (que acima denominei “trajetória”). A questão que está posta é: seria possível o descolamento de uma vida de forma tão linear e objetiva?

“Não”, é a resposta que encontramos no espaço biográfico. Isso porque, como pontua Leonor Arfuch (2010), a competência de reflexão acerca do que fazemos e, nesse caso, acerca do que fazemos conosco (e também daquilo que permitimos que seja feito) é resultado da nossa condição humana, e esta se dá pela linguagem, que autoriza uma (re)invenção, (re)construção, (re)criação de nós mesmos. Por isso, essa linearidade se torna possível apenas dentro da categoria narrativa que supre as lacunas inerentes à vida com linguagem, dado que ao biógrafo cumpre operação de “fazer escolhas drásticas e dolorosas, aceitar as falhas, as lacunas na documentação, e preenchê-las com a dedução lógica ou com a imaginação; é o espaço sonhado da invenção, da ficção. É o instante da escrita” (DOSSE, 2009, p. 16).

Esse caráter quase inclassificável do gênero biográfico, “[...] dividido entre a propensão ficcional e a ambição de relatar o real vivido” (DOSSE, 2009, p. 20), é o que permite a ele o trunfo “[...] de abrir as portas ao conjunto das ciências humanas e literárias” (DOSSE, 2009, p. 17) e, assim, figurar enquanto espaço transversal de estudos, revisitado assiduamente nos últimos anos. No que diz respeito a tal questão da multiplicidade desse universo, Arfuch (2010, p. 151) aponta que:

O avanço da midiatização e de suas tecnologias da transmissão ao vivo fez com que a palavra biográfica íntima, privada, longe de se circunscrever aos diários secretos, cartas, rascunhos, escritas elípticas, testemunhos privilegiados, estivesse disponível, até a saturação, em formatos e suportes em escala global. Nesse horizonte, uma forma peculiar parece concentrar as funções, tonalidades e valores — biográficos — reconhecíveis aqui e ali nos diferentes gêneros: a entrevista, que poderá se tornar indistintamente biografia, autobiografia, história de vida, confissão, diário íntimo, memória, testemunho. (ARFUCH, 2010, p. 151)

Desse modo, aberto, transversal e múltiplo, esse espaço narrativo de contar a vida permite que outras discursividades dos espaços públicos transformem por absoluto os gêneros canônicos, ampliando e flexibilizando tais contornos.

EDIÇÕES COMEMORATIVAS: 30, 40 E 80 ANOS DE VIDA LITERÁRIA

Das três edições lançadas em homenagem aos aniversários de *O país do carnaval*, duas foram organizadas pela Editora Martins: *Jorge Amado: 30 anos de literatura* (1961) e *Jorge Amado povo e terra: 40 anos de literatura* (1972). A última da tríade, *Jorge Amado 80 anos de vida e obra: subsídios para pesquisa*, foi organizada pelas pesquisadoras Rosane Rubim e Maried Carneiro e, em 2020, completou 28 anos desde sua publicação no ano de 1992.

Em *Jorge Amado: 30 anos de literatura* (1), além das considerações de apresentação e do prefácio, há cinco seções, identificadas pelos títulos sem indicação numérica, denominadas: i) Cronologia; ii) Títulos, Prêmios, Livros; iii) Traduções e adaptações das obras de Jorge Amado; e v) Depoimento sobre um escritor e um homem. Destaco na obra a preocupação com uma “narrativa da imagem”, isso porque as fotos selecionadas sustentam o estereótipo de Jorge Amado como homem simples, mesmo grandioso, a exemplo da primeira, que traz o autor no cais de Salvador entre barcos, vestido com uma camisa comum,

cigarro na mão, semblante pacato, olhar reflexivo e, possivelmente, ensaiando um sorriso.

Seguidamente, “Cronologia” cumpre o exercício sugerido pelo nome da seção, pois as dezesseis páginas apresentam, em ordem cronológica crescente, a vida e a obra de Jorge Amado; do nascimento (1912) à data de publicação do livro (1961). Nesse ínterim, não há interrupção na organização das informações, isto é, a elas não se interpõem imagens, quadros ou notas explicativas. Assim, tem-se uma ordenação linear. Dessa seção, a ênfase recai nos equívocos de registro, como em “1941 — Junho — Jorge Amado desquita-se da esposa.” (MARTINS, 1961, p. 35). No caso, Matilde Garcia Rosa, primeira esposa do escritor, com quem se casou em 1933. Todavia, a data do desquite está equivocada, pois o evento só ocorreu em 1944. Além disso, cito a ausência de informações sobre Eulália Dalila Jorge Amado, filha do escritor com Matilde. Não há menção da menina, de apelido “Lila”, nessa seção que pretende descrever os acontecimentos relevantes da vida do autor, todavia, mais adiante, na seleção de fotos, ela aparece em um retrato no colo do pai.

“Títulos, Prêmios, Livros” inicia e finda na mesma folha. São duas páginas para registrar oito títulos, sete prêmios e 18 livros. Seguidamente, “Traduções e adaptações das obras de Jorge Amado” se vale de sete páginas para mencionar as traduções e as adaptações da obra do escritor que, na época, não chegavam nem à metade do que alcançou na vida.

“Duvidosas” talvez seja o adjetivo que melhor sintetize as impressões que a organização de “Depoimento sobre um escritor e um homem” me despertou. Isso porque a seção tem um “quê” de última hora: após a reprodução da espirituosa frase que Jorge Amado declarou em entrevista a Moacyr Felix (1958), “Sou apenas um baiano romântico e sensual”, há nada menos que a sucessão de 80 imagens — 63 fotografias, quatro capas de livros e 13 obras de arte (ilustração, retrato, escultura, desenho, pintura) — distribuídas em 40 páginas, não numeradas. Simplesmente ignoradas, tanto na contagem da paginação quanto no índice do final do livro, fazendo com que a obra, efetivamente, passe das 400 páginas anunciadas.

Por outro lado, as imagens selecionadas elaboram uma narrativa bastante sólida no que se refere a um discurso de vida. Aqui, a ordenação apresenta um literato culto, viajado, com amigos de renome em todo o mundo: escritores, artistas, políticos. Moscou, Paris, Tcheco-Eslováquia, Berlim, Polônia... A noção construída é a de que Jorge Amado, além de bem relacionado, é sinônimo de sucesso de vendas, a considerar as tantas capas de edições estrangeiras de seus livros. A distribuição de fotos segue uma certa ordenação cronológica não rígida e, como visto acima, as imagens são legendadas com o nome dos sujeitos e, geralmente, com o local e ano em que foram produzidas. Além disso, não há grande quantidade de referências familiares. Ainda a respeito da justificativa de

o porquê “duvidosa”, há nada menos que 317 páginas de declarações: são reunidos exatamente 310 depoimentos, não tão bem organizados, que registram críticas, resenhas e afins acerca da obra e vida do homenageado. Em tese, eles estão dispostos conforme a obra/obras a que fazem referência, no entanto, mais de uma vez, é possível identificar erro na sequenciação das passagens.

Pouco mais de dez anos depois, em 1972, com *Jorge Amado povo e terra: 40 anos de literatura* (2), a Editora Martins repete a publicação de uma obra comemorativa a *O país do carnaval*, agora com 40 anos. O livro de 247 páginas tem capa assinada por Carybé, o argentino “[...] mais baiano dos baianos” (AMADO, 1972, p. 23), amigo íntimo do escritor homenageado. Artista que em muito se dedicou a retratar a cultura do povo baiano, Carybé se fez presente por diversas vezes como ilustrador de livros de Jorge Amado.

Jorge Amado povo e terra: 40 anos de literatura (2) é uma publicação em que se determinam dois momentos distintos de leitura — descontadas a breve apresentação inicial e a, também objetiva, relação de títulos, prêmios, livros, traduções e adaptações do homenageado, ao final do livro. No primeiro, textos não ficcionais do escritor: o discurso proferido na posse da cadeira n° 23 da ABL (1961), e “Carta a uma leitora sobre romance e personagens”. Seguidamente, em “Alguns ensaios e artigos sobre a obra de Jorge Amado” — segundo direcionamento de reflexão — abre-se a palavra a 18 sujeitos que falam, cada um, sobre algum aspecto da obra ou da vida de Jorge Amado. De romance, poesia e estilo a povo, terra e vida. De Eduardo Portella e Miécio Tâti, assíduos à obra em questão, a Tristão de Athayde e Antonio Candido.

Nesse contexto, não é difícil concordar com a Editora quando menciona os “universitários e secundaristas” como os principais destinatários do livro, porque “Este volume enfeixa artigos e depoimentos sobre a obra amadiana dando-nos um painel crítico de grande importância para sua correta compreensão e localização” (MARTINS, 1972, Prefácio). Restrições óbvias ao “correta”, ademais, é bem plausível de se concordar com o editor. Os textos têm condições de contextualizar, nortear e refletir Jorge Amado, o jovem aspirante à revolução, o militante, o homem, o político, o romancista.

A respeito do estudo da obra do baiano, destaco o texto de Roger Bastide, “Sobre o Romancista Jorge Amado”, originalmente o prefácio de *Les Deux Morts de Quinquin la Flotte*, tradução de *A morte e a morte de Quincas Berro D’água* para a edição francesa. Nesse ensaio, tem-se um oportuno panorama da obra de Amado, não somente porque Bastide toca em pontos basilares dessa produção literária, mas também porque contextualiza os movimentos do escritor com seu entorno social. Dessa forma, indica as circunstâncias de sua produção intelectual por meio de determinada cronologia linear sem, contudo, perder-se nas estagnações de datas e lugares, de forma que a progressão textual segue de maneira bastante fluida.

É, todavia, principalmente devido a “Jorge Amado: Notícia Biográfica”, de Renard Perez, que esse compêndio ingressou no rol de materializações do espaço biográfico que interessam ao recorte dessa investigação. Em 12 páginas corridas, sem subdivisões ou marcações de destaque, Perez elabora uma narrativa, que parte do nascimento de Jorge Amado e chega a 1971, data de escrita do ensaio.

O texto traz a clássica hibridização entre factualidade e fabulação comum às escritas biográficas, uma vez que prevê cenários e elabora enredos às informações empíricas que utiliza da vida de Jorge Amado. O ensaio opta, ainda, pela recorrente ordenação cronológica linear para apresentar a vida do biografado, entretanto, abdica das datas para orientar a escritura do texto, de forma que elas participam, mas não determinam a fala.

Também não há preocupação em padronizar as informações. Por vezes, demora-se mais de um parágrafo para dar conta de determinado recorte temporal, enquanto em outros momentos aborda-se um ano em uma linha. É comum a indicação de imprecisões temporais, como em “a essa época” ou “a esta altura”, mas, no geral, há bastantes informações atreladas às datas. Precisamente, há 39 registros de anos, o que é bastante significativo numa materialização de 12 páginas.

Mais significativos ainda são os registros que trazem as informações completas, isto é, com a indicação do dia e do mês, além do ano, pois não passam de quatro: i) 10/08/1912, nascimento de Jorge Amado; ii) 08/07/1945, casamento com Zélia Gattai; iii) 29/11/1945, eleição como deputado federal pelo PCB; e iv) 06/04/1961, eleição para a ABL. Em suma: nascimento, casamento, política e imortalidade literária.

Para finalizar essa seção comemorativa, *Jorge Amado 80 anos de vida e obra: subsídios para pesquisa* (3), de organização de Rosane Rubim e Maried Carneiro, tem muito a dizer. Esse, indubitavelmente, foi o livro que mais rendeu surpresas: o mais simples, pela materialidade física, o mais completo, pelo conteúdo biográfico, o mais maçante, pela exposição dos dados, no sentido de abdicar de qualquer indício de fabulação em virtude do objetivo proposto: o de figurar como fonte para pesquisadores. Intenção destacada não somente na apresentação do livro, na nota introdutória, mas também no título, “subsídios para pesquisa”.

De todos, esse é o único que desconsidera o público em geral como destinatário, endereçando-se, precisamente, aos investigadores da obra e da vida de Jorge Amado. Noto, nesse caso específico, uma diferença de público que repercute diretamente na sua constituição, essa é uma pesquisa para pesquisas. Das três organizações comemorativas, é a menor em tamanho, haja vista suas 190 páginas, porém a mais completa fonte de compilação sobre o autor no que diz respeito a dados da, e acerca de, sua obra e vida.

A apresentação da obra tem a assinatura de Myrian Fraga, curadora da Fundação Casa de Jorge Amado por 30 anos, local que abriga todo o acervo oficial do escritor. Zélia Gattai, seguidamente, toma a palavra com “Pontual ou pontualíssimo?” e deixa registrado, registradíssimo, os seus 50 anos de “onipresença” na vida do escritor:

De minha parte, jamais me nego a responder a questões sobre Jorge Amado, pois seus leitores, espalhados pelos quatro cantos do mundo, querem saber dele, como é, como não é, e eu vou respondendo, na medida do possível, o que sei sobre o homem que é meu marido há quase meio século. (GATTAI, 1992, p. 23)

Findo o depoimento de Zélia, há o registro de um “bate-volta” com o escritor cujo título é “Perfil 80 anos”. Dessa curta seção de duas páginas, destaco: “Meu ideal de felicidade: é a Zélia”, “Novela: Anarquistas, graças a deus”³, “Mulher marcante: Zélia Gattai” (AMADO, 1992, p. 26). De bobo Jorge Amado não tinha nada. Quero dizer, em uma obra em que se propõe mapear toda a sua vida de forma abrangente e, por extensão, todos os seus relacionamentos “oficiais”, o autor deixa claro, na parte que lhe cabe, que Zélia é a “mulher marcante”, seu “ideal de felicidade”.

Em seguida, abre-se a seção “Cronologia”, na qual se dispõem os acontecimentos da vida/obra do escritor tal qual o título indica, de forma cronológica. Literalmente, ano a ano, uma vez que, com exceção de 1916 e 1919, todos os anos de vida de Amado são mencionados. Para isso, 81 páginas são requeridas. O início se dá em 1880, ano de nascimento do pai do escritor, João Amado, e o fim em 1992, com informações às vésperas da publicação. Nesse ínterim, localiza o nascimento dos familiares, pais e irmãos, filho e filhas, esposa e ex-esposa. Isto é, além do reconhecimento comum a Zélia Gattai, João Jorge e Paloma Jorge, Matilde Garcia Rosa e Eulália Dalila também são citadas e, mais do que isso, contextualizadas nessa publicação.

A seção em questão, “Cronologia”, é constituída tanto por informações que nem sequer ocupam toda uma linha, como “1915 Nasceu seu irmão Jofre” (RUBIM, CARNEIRO, 1992, p. 3), quanto por registros que ultrapassam páginas, a exemplo do ano de 1961 que inicia na página 57 e termina na 59. Não há imagens na cronologia, ela é elaborada apenas por texto escrito, de forma que se evidencia a intenção do compêndio de manter a objetividade sem, contudo, abdicar do detalhamento.

A primeira grande surpresa, como já antecipado, é que Matilde Garcia Rosa, não somente é citada, como também contextualizada em um tempo histórico real na obra, para além do espectro que se faz em outras narrativas

³ GATTAI, Zélia. *Anarquistas, graças a Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

biográficas que a localizam, quando muito, no casamento e no desquite com o escritor. Aqui, por exemplo, tem reconhecida sua condição de coautora, raramente mencionada nas retrospectivas de vida dedicadas a Jorge Amado:

1933: Casa-se com Matilde Garcia Rosa, em Estância, Sergipe. (dez.)
É publicado pela Schmidt o livro infantil *Descoberta do Mundo*, coautoria com Matilde Garcia Rosa, ilustrações de Santa Rosa e publicado também no suplemento juvenil, do Rio de Janeiro. (RUBIM, CARNEIRO, 1992, p. 35)

Também não são deixadas de lado as criações literárias que Jorge Amado dedicou a ela, como:

1937: Publica o poema Cantiga da Amazônia na revista “A selva”, em Manaus. Este poema faz parte da coletânea *A Estrada do Mar*, publicada um ano depois, e que inicialmente se chamaria “Cantiga do Pacote Voador: Poema de Viagem e de Angústia para Matilde”. (out.) (RUBIM, CARNEIRO, 1992, p. 36)

Após “Cronologia”, é a vez de “Genealogia” falar de Jorge Amado. Aqui Lila e Matilde são colocadas em par de igualdade com os demais membros da família do autor.

Jorge Amado 80 anos de vida e obra (3), minuciosamente, ainda, oferece o registro da obra de Jorge Amado para além da identificação já apresentada em “Cronologia”. Na seção “Bibliografia”, a relação da produção literária do autor é proposta por títulos em ordem de publicação, com um resumo catalográfico, contendo: nome do livro, local de publicação, editora, ano da publicação (1ª ed.) e número de páginas.

A partir da leitura e análise das três obras, *Jorge Amado: 30 anos de literatura* (1), *Jorge Amado povo e terra: 40 anos de literatura* (2), e *Jorge Amado 80 anos de vida e obra: subsídios para pesquisa* (3), é possível afirmar que dois macromovimentos editoriais são realizados. O primeiro engloba os dois livros (1; 2) editados pela Martins e tem como objetivo geral a apresentação de publicações de caráter mais mercadológico, voltadas para o público em geral. O segundo, por seu turno, conta com um livro (3) destinado a pesquisadores da obra e da vida do escritor baiano. Assim, a diferença substancial entre essas duas propostas reside no conteúdo de suas publicações, já que *Jorge Amado 80 anos de vida e obra: subsídios para pesquisa* (3) traz denso e profícuo material para investigação, enquanto *Jorge Amado: 30 anos de literatura* (1) e *Jorge Amado povo e terra: 40 anos de literatura* (2) recortam e “pincelam” elementos da obra e da vida do escritor.

A VIDA EM UNIDADES DE MATERIALIZAÇÕES: ENSAIO, ENTREVISTA E RELATO

Das quatro obras que mantêm o que aqui está identificado como uma “unidade de materialização”, duas têm como opção de gênero o ensaio, uma, a entrevista e a última, considerando a ordem de publicação, o relato pessoal. Assim, *Jorge Amado: vida e obra*, de Miécio Tâti (1961) e *Jorge Amado: retrato incompleto*, de Itazil Benício dos Santos (1993) ocupam a primeira categorização, seguidos por *Conversando com Jorge Amado*, de Alice Raillard (1990) e, por fim, *Um baiano romântico e sensual: três relatos de amor*, de Zélia Gattai, João Jorge e Paloma Jorge, companheira e filhos do casal (2002).

As orelhas de *Jorge Amado: vida e obra* (4) convidam o leitor a

[...] tudo aquilo que é importante saber sobre o autor de *Gabriela Cravo e Canela* [...] o escritor, o jornalista, o “descobridor” generoso e desinteressado de vocações. [...]

Embora seja cotado entre os bons ficcionistas brasileiros de hoje, Miécio Tâti em nenhum momento se deixou levar pela ficção [...]. (TÁTI. 1961, s/p.)

Naturalmente, considerando-se seu momento de produção e publicação, é compreensível tal consideração para registro da intenção da obra, mesmo que nos dias atuais sejam até risíveis materializações nesses termos tão absolutos: “tudo aquilo que é importante”, “em nenhum momento se deixou levar pela ficção”. Isto é, essa tentativa “preto no branco” de limpar a linguagem, como se a ficção não atravessasse o registro histórico no ponto de vista que se toma, nas escolhas lexicais, construção de sentido etc. De todo modo, fica a informação de que esse livro promete-se relevante quanto aos recortes de vida de Jorge Amado. Agora, basta identificar o que para Miécio Tâti é “importante saber sobre o autor de *Gabriela Cravo e Canela*”.

Para socializar os acontecimentos que julga de maior destaque da vida do amigo e homenageado, Tâti optou por redigir miniensaios temáticos que, ao final da leitura, constituem a “unidade Amado”. Assim, o livro é regido por títulos que trazem informações não fixadas pela linearidade espaço-temporal. Vale a observação de que os próprios títulos, se lidos à parte do texto, seguidamente um a um, contam uma história. História, diga-se, por muito deixada levar pela ficção, a considerar os complementos que o próprio leitor pode atribuir a ela. Não por acaso, aliás, o índice da obra se encontra ao final do livro, como se não quisesse deixar o leitor criar sua própria história de Jorge Amado.

É, portanto, por meio desses recortes que nos deparamos com a vida de Amado, sendo que não há registros de fotografias na obra. A única imagem que se faz ver é aquela que se depreende do texto do autor do livro. Esse, por sua

vez, obviamente e mesmo tendo negado, faz uso contínuo da fabulação da linguagem ao descrever cenários e episódios, ao supor sucessões de acontecimentos e assim por diante.

Da grande narrativa que se constrói, não se pode deixar de mencionar o impertinente e recorrente discurso machista que localiza, por exemplo, a mãe de Jorge Amado continuamente como coadjuvante em relação ao marido, pois “homem de vontade” era João Amado, que “[...] reuniu economias, comprou novamente terras, novamente progrediu” (TÁTI, 1961, p. 18). Afinal, parece que pouco importa ao autor dessa obra que as economias reunidas foram resultado do trabalho de ambos, Eulália Leal e João Amado, em sua tamancaria.

Na mesma direção de menor importância, Matilde, primeira esposa de Amado, aparece como um adendo nas informações destacadas entre parênteses:

Tentaria a volta ao mundo nos sertões da Bahia, de Sergipe e Alagoas (1933), depois de casado (casara-se com Matilde Garcia Rosa, nesse mesmo ano), guardando carinhosamente, para futuras narrativas, a lembrança dos “casos” a contar e que por essas e outras viagens a vida lhe ensinava. (TÁTI, 1961, p. 40-41)

De resto, saliento que *Jorge Amado: vida e obra* (4), antes de ser um ensaio destinado a pensar a vida do autor, é um trabalho que contextualiza a aparição e constituição do “escritor Jorge Amado” por meio de acontecimentos com o “homem Jorge Amado”. Quero dizer, os registros de vida estão subordinados às informações de sua produção intelectual, a fim de fazerem entender como esta se deu no curso da vida daquele identificado como o “autor de *Gabriela, Cravo e Canela*”.

De saída, há de se dizer, a respeito da segunda obra-ensaio aqui apresentada, *Jorge Amado: retrato incompleto* (5), que o constrangimento é sentimento constante na leitura do texto. Também não deixa de ser menor a impaciência despertada pela elaboração da narrativa, quase um canto de louvor a Jorge Amado, sendo, antes, exemplo explícito de uma hagiografia. Nesse sentido, o autor elabora uma materialidade linguística que se quer rebuscada — vide uso desmedido de próclises, por exemplo — e acaba por pecar no quesito “situacionalidade”, já que a obra não alcança a formalidade que Itazil Benício procurou atingir.

No que diz respeito à organização, o livro tem 207 páginas também regidas por orientações temáticas, sendo 21 divisões no total. Aqui, no entanto, os títulos dos minicapítulos parecem inclinarem-se mais para o lado do “genérico”. Ilustro: i) Palavras Iniciais; ii) A Varinha de Condão – O Gênio Artístico; v) A Rebeldia etc. Também nessa obra, vê-se a abstenção do uso tradicional da organização cronológica comum às escritas biográficas. Assim, sem marcações rígidas de lugares e datas — “muito tempo” ou “naquela época” —, o autor

procura construir-se enquanto um contador de histórias “reais”. Bem verdade, o livro não leva a cabo (tampouco se propõe a fazê-lo) a proposição cronológica de ordenação dos fatos, de forma que os miniensaios são guiados somente pelos eixos-temáticos, que desobrigam o autor à coesão imediata entre si.

Importante, ainda, é a localização que o próprio Itazil faz de seu livro:

Este livro não tem, de longe sequer, a pretensão de estudar, muito menos do ponto de vista da crítica literária, a obra de Jorge Amado. Pela simples razão de que o autor jamais estudou, jamais praticou, jamais fez crítica literária.

Médico, exercendo especialidade médica abrangente e em constante evolução, professor de medicina na especialidade, ninguém mais ciente das responsabilidades que assume quem emite conceitos, juízos e opiniões sobre qualquer assunto.

Conhece, além disso, o autor a complexidade que envolve a crítica literária e a objetividade com que deve ser encarada e tratada. (SANTOS, 1993, p. 11)

De imediato, é possível perguntar ao autor: seria o ensaio biográfico um estudo sem seriedade? Quer dizer, se ele não se arrisca à crítica literária devido à complexidade que a envolve, seria plausível chegar à conclusão de que a mesma consideração não se estende às narrativas do espaço biográfico? Parece que sim, a considerar esse seu *Retrato incompleto*.

Dado esse panorama mais genérico da obra, destaco um excerto que faz menção à relação de Amado com o Partido Comunista (PC):

Jorge, que desejou “viver ardentemente”, além da atuação política, *em certa fase de sua vida*, mantém intensa atividade intelectual. Rebelde, afeito sempre às mudanças, à renovação, sua *atuação política foi destacada em certa fase de sua vida*. Amante da liberdade e sempre engajado nos movimentos para a liberdade, militante comunista, deputado pelo Partido Comunista, preso político, exílios, não dispunha do seu tempo, dedicado a reuniões e viagens, até 1955, quando deixa o partido, cessa sua atividade militante, *para escrever apenas*. (SANTOS, 1993, p. 19, grifos meus)

Minha atenção recai nas escolhas lexicais que denotam imprecisão quando se refere ao momento de militância política de Jorge Amado no PC, como se estivesse ambientando o lugar do inominável, do perigoso.

Além disso, como último item de destaque, vale a leitura de uma das passagens em que Zélia Gattai, companheira de Jorge Amado de 1944 a 2001 (ano da morte do escritor), torna-se personagem na obra:

Chamava-se Zélia, Zélia Gattai. Leitora assídua e constante dos livros de Jorge Amado, vibrava com a mensagem social e humana neles contida, mensagem que se espraiava e desdobrava em múltiplas faces e aspectos, de ordem econômico-social, mas, na verdade, expressões de seu conteúdo nuclear – liberdade. [...] Trazia consigo um desejo íntimo, muito íntimo mesmo: o de conhecer o escritor Jorge Amado, o escritor famoso e festejado, mas, também, o militante político antifascista, de quem já reunia, dispostos com carinho em sua estante, alguns relidos, todos os livros publicados, inclusive o último saído, *São Jorge dos Ilhéus*. (SANTOS, 1993, p. 143)

A partir desse excerto, não me parece exagero afirmar que o autor do livro empreende um discurso laudatório em torno do relacionamento de Zélia Gattai e Jorge Amado, ambientando um cenário quase de conto de fadas, cujo final desemboca no “final feliz” que une o intelectual de grande destaque e a “fã” com consciência de classe; afinal, “vibrava com a mensagem social e humana”, ciente dos valores que realmente importavam, da “liberdade”. Registro, por fim, a diferença de exposição textual da passagem acima com a que menciona Matilde, primeira esposa, e Lila, filha de ambos:

[...] Jorge não regressou, com a delegação de que fora presidente, à Bahia. Permaneceu em São Paulo, passando a residir, em um apartamento alugado, na Avenida São João, com sua filha Lila, do primeiro casamento, de nove anos de idade, então em sua companhia, [...]. Jorge desquitara-se de Matilde Garcia Rosa em dezembro de 1944. Do casamento, que se dera em Estância, Sergipe, em dezembro de 1933, nascera, a 25 de janeiro de 1935, Eulália Dalila Amado (Lila). (SANTOS, 1993, p. 16)

Além dessas menções o autor não volta a falar sobre elas.

Findas as considerações acerca das obras-ensaios, *Conversando com Jorge Amado* (6) passa a objeto dessa contextualização de narrativas do espaço biográfico. A obra, com suas 318 páginas, é uma entrevista concedida pelo escritor, em Língua Portuguesa, à Alice Raillard, estudiosa e entusiasta da obra do escritor baiano. Conforme apresentação, essa “longa conversa”

[...] é um painel da vida política e cultural do Brasil desde os anos 30, com romances de Jorge Amado sendo analisados pelo próprio escritor ao longo da narrativa. São depoimentos reais, através de uma visão crítica e às vezes bem humorada, onde desfilam homens do estado, intelectuais, atores, músicos, políticos, pessoas famosas do mundo todo e o povo da Bahia — matéria viva de seus romances. (RAILLARD, 1990, apresentação)

Para isso, Alice organizou a fala de Jorge Amado em 13 momentos distintos, porém complementares; ilustro: i) A Casa; ii) A Academia dos Rebeldes; iii) País do Carnaval; iv) O Milagre Brasileiro; v) A Tenda dos Milagres; vi) *Jubiabá*; vii) *Os Subterrâneos da Liberdade*; viii) Terras Violentas I; ix) Terras Violentas II; x) Terras Violentas III; xi) Do Brasil e de Outras Partes; xii) *Gabriela*; e xiii) O Mundo em Forma de Romance. Assim, em uma direção que problematiza seu entorno e consequentes desdobramentos, Jorge Amado e Alice Raillard conversam desde as motivações do escritor no engajamento na causa comunista (partindo da Juventude Comunista) aos azulejos da Casa do Rio Vermelho, todos de Carybé. Da Academia dos Rebeldes a *Gabriela, cravo e canela*. Do Candomblé às ditaduras argentina e brasileira. De seu processo criativo à visita de Sartre e Beauvoir ao Brasil.

Nessa entrevista, indagações muito bem estruturadas provocaram o escritor a um retorno profundo e profícuo à sua obra e à sua vida. Juntos, entrevistadora e entrevistado conseguiram produzir uma das mais completas narrativas biográficas do autor; de forma que assuntos de natureza doméstica, pessoal, pública, política, literária, sentimental etc. estão presentes nas questões e respostas sem, contudo, marcarem fronteiras rígidas e artificiais. Quero dizer, os registros são fluidos, contextualizados e condizentes com a vida em sua realidade plural e múltipla. Ilustro com a resposta de Jorge Amado quando indagado acerca da divisão comum que parte da crítica especializada costuma fazer de sua obra:

Construíram uma teoria, que foi retomada aqui por certas pessoas, segundo a qual minha obra se dividia em suas partes; uma anterior à *Gabriela* e a outra posterior. É uma estupidez, uma bobagem total. [...] Compreendo como ele e outros chegaram a tomar estas posições. Falo nisso sem rancor. Explico o que houve, em que condições, acreditando na ideia de que até certo momento eu teria feito uma obra revolucionária, de denúncia social, para um amanhã melhor, uma nova era, uma obra ao lado do povo, e que de repente eu teria modificado minhas posições, abandonado minha atividade militante do Partido! ... Eles não diziam explicitamente que era por isso. (AMADO, 1990 citado em RAILLARD, 1990, p. 266-267)

Ainda, menciono como ponto de destaque o desconforto causado pela entrevista, que em 2020 chega aos 30 anos de publicação, tamanha a sua atualidade. Em muito, parece descrever “o aqui e o agora”, a realidade brasileira contemporânea. Refiro-me, principalmente, à impossibilidade de indiferença diante de registros que falam à situação política do Brasil na década de 1990 — nas palavras do autor, “reaprendendo a democracia” — porque fazem ver que tal aprendizagem ainda se encontra em vias embrionárias, a considerar a

ruptura democrática que se instalou no país em 2016, com o afastamento da presidenta Dilma Rousseff, e a atual prática das *fake news*, que coordena a propagação de informações inverídicas, comprometendo a democracia e o processo eleitoral. Ilustro com o excerto:

Nós estamos reaprendendo a democracia, o exército da democracia, depois de tantos anos em que tudo era decidido autoritariamente através da vontade de alguns senhores que estavam no poder. Estamos nos habituando a não ficar chocados com as coisas mais normais que haviam desaparecido do nosso horizonte, como por exemplo que uma greve não é um ato ilegal, que invariavelmente terminará com pancadaria com a polícia, em intervenção do exército, prisão de líderes e operários, mas sim que é um direito, algo pacífico ao qual os operários podem recorrer para defender seus direitos [...]. Estamos começando a viver uma outra época no Brasil depois de anos de uma ditadura implantada por um sistema militar incompetente, violento, brutal [...]. (AMADO, 1990 citado em RAILLARD, 1990, p. 26)

Na sua totalidade, essa entrevista tem uma colaboração particular tanto pela diversidade e qualidade de abordagem dos tópicos propostos por Raillard quanto pela maturidade nas respostas do escritor, já tomado de um considerável distanciamento histórico do início de sua carreira até aquele momento. Nesse sentido, noções mais simplificadoras, dualistas — “eles X nós”, “bom X mal”, “herói X bandido” — são abandonadas por Amado, então com 77 anos, mais atento à complexidade das (rel)ações humanas.

Por fim, no que diz respeito a quarta e última obra abordada nesta seção, *Um baiano romântico e sensual: três relatos de amor* (7), observo que o relato a que farei destaque será apenas o de Zélia Gattai. Recorte motivado em razão da temática discutida pela autora, que não deixa de discorrer a respeito de episódios da vida de Jorge Amado que antecederam sua relação com o escritor. Quer dizer, metaforicamente, se é que se pode falar nesses termos, Zélia Gattai “cria” memórias que antecedem 1945, ano em que começou a se relacionar com aquele que viria a se tornar o companheiro de uma vida. Isso porque ela “rememora” lembranças anteriores a seu relacionamento que falam, inclusive, de episódios do exílio do escritor no início da década de 1940 (1941-1942), período em que Amado estava casado com Matilde Garcia Rosa. Para isso, Gattai justifica que teria, o próprio Jorge Amado, contado a ela esses fatos para que soubesse de sua boca o que realmente aconteceu quando não compartilhavam uma vida em comum. Ou seja, de imediato, noto um esforço da autora (e determinada imposição, eu diria) por registrar uma onipresença na vida do escritor, como se quisesse deixar clara sua presença absoluta na vida com o esposo.

Quanto à obra, estruturalmente, o livro está organizado em três momentos, além da apresentação assinada por Eduardo Portella, presença já recorrente nessas escritas de caráter biográfico sobre Jorge Amado. São eles: i) “Ai, que saudades de Jorge!”, de Zélia Gattai Amado; ii) “A completa verdade sobre as discutidas aventuras do comandante Jorge Amado, capitão de longo curso”, de João Jorge Amado; e iii) “Meu melhor amigo”, de Paloma Jorge Amado. Juntos, esses relatos somam 231 páginas que fazem jus ao subtítulo da obra, isto é, são “três relatos de amor”.

Na décima primeira página do livro, Zélia Gattai inicia suas tratativas textuais. Porém, antes disso, há uma imagem que ocupa toda a página 10: Jorge e Zélia, idosos, em 1990, abraçados, sorrindo, como se um aviso que dissesse: “essa é uma história de vida. Aqui o abraço é permanente, sempre o foi. Entrelaçamento cumprido até quanto nos foi possível, interrompido apenas quando no esvanecimento do corpo. Um abraço da vida que só a morte separou.” O texto segue nesse estilo de cumplicidade até o fim. Zélia vai construindo sua identidade de contadora de histórias espontânea e despretensiosa, por meio de estruturas simples e registros coloquiais, como em “[...] e ai de quem ousasse abrir a boca!” (GATTAI, 2002, p. 13) ou “Discreta, entrei direto, dando apenas um alô. Nem me dera conta, burra, de que o rapaz magrinho era Jorge Amado” (GATTAI, 2002, p. 15).

Do conjunto do depoimento elaborado por ela, chama a minha atenção o fato de que as ilustrações não ganham *status* secundário na produção. Pelo contrário, elaboram, independentemente, sua própria narrativa. Ou melhor dizendo, a narrativa de vida do casal Amado, a considerar a frequência da presença de Zélia e do casal nas fotografias. O que se torna óbvio, inclusive, dado que o livro é um depoimento dela e dos filhos sobre lembranças da vida em comum. Sobre esses registros, uma ressalva: majoritariamente, as fotos são oriundas do arquivo “Zélia Gattai”, cuja residência é, e sempre foi, a Fundação Casa de Jorge Amado. Ou seja, não há dúvidas dessa presença que atravessa a narrativa de vida do referido autor, sugerida desde a capa do livro, na qual se registra uma foto do casal ainda jovem, sorrindo, com os rostos colados, lado a lado. Isto é, a obra é de autoria dos três, esposa e filhos, porém a capa traz somente Zélia e Jorge.

O livro não fixa datas. O que o guia são as fotos, que não têm ordenação cronológica ou temática. Todas as imagens estão em preto e branco, o que atribui certa materialização poética às fotografias, que ilustram uma bonita vida em comum. Feliz e rica, cultural e sentimentalmente falando; rodeada de amigos, lembranças e experiências, mas que se foi, quer dizer, não mais o é. O preto e branco dão a ambientação dúbia do registro e do luto, pois demarcam a dor da saudade.

Partindo das observações apresentadas acerca das quatro obras analisadas nesta seção, *Jorge Amado: vida e obra* (4), *Jorge Amado: retrato incompleto* (5), *Conversando com Jorge Amado* (6) e *Um baiano romântico e sensual: três relatos de amor* (7), é possível localizar três macroelaborações discursivas: i) a primeira, engloba os dois livros (4; 5) que se assemelham quando na tentativa de apresentar a vida e a obra de Jorge Amado a partir de recortes temáticos pertinentes, na visão dos autores. Ao que parece, nesses casos, Matilde e Eulália Dalila não são suficientemente relevantes para terem lugares de destaque nos recortes; ii) a segunda, fala à entrevista de Alice Raillard (6) que, em uma proposta muito particular e significativa, orientou seu entrevistado a discorrer acerca de sua vida e obra sob uma perspectiva de contextualização histórica e política; iii) a terceira, corresponde à narrativa de Zélia Gattai (7) que, por meio de uma dicção intimista, organizou seu texto com episódios nos quais sequer esteve presente, a fim de indicar ao leitor, simbolicamente, certa ubiquidade na vida de Jorge Amado.

A VIDA EM NARRATIVAS HÍBRIDAS: DA CRONOLOGIA À ENTREVISTA

Essa terceira seção de apresentação e contextualização das obras que falam a vida de Jorge Amado é dedicada a pensar as narrativas que se estruturaram por meio da materialidade múltipla da composição, no sentido de recorrerem a mais de uma realização de gênero para a elaboração do discurso de vida do personagem biografado. Foram elas: *O baiano Jorge Amado e sua obra*, de Paulo Tavares ([1980] 1982), *Jorge Amado: Literatura Comentada* (1981), uma organização de Álvaro Cardoso Gomes, e *Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado*, do Instituto Moreira Salles.

No que diz respeito a *O baiano Jorge Amado e sua obra* (8), chamo a atenção para a apresentação do organizador do compêndio, Paulo Tavares, que avisa: “Dada a permanência do prazo concedido [para organizar o livro], não será improvável deparar-se com algum anacronismo ou discrepâncias outras entre os elementos citados” (TAVARES, 1982, s/p.). Quer dizer, de imediato, o leitor é informado de que essa compilação foi devorada pelo mercado editorial, no sentido de ter sido elaborada o mais rápido que se pôde devido à necessidade de circular nas prateleiras ou, sem eufemismos, de faturar. Honesto, porém desestimulante.

O livro, de 196 páginas, com capa dura, é dividido em cinco partes, a saber: i) Iconografia; ii) Cronologia; iii) Bibliografias; iv) Antologia; e v) Enfoques. No que diz respeito à “Iconografia”, são reproduzidas dez fotografias em preto e branco que trazem, principalmente, Jorge Amado ao lado de amigos famosos, a exemplo de Pablo Neruda, Ferreira de Castro, Oscar Niemeyer e Anna Seghers.

Espirituoso, o autor, Paulo Tavares, registra inclusive uma imagem sua com Jorge Amado. A família, esposa, filhos, nora, genro e netos, também aparece em uma fotografia denominada “O Patriarca”.

“Cronologia”, sem surpresas, elabora o que o nome sugere, uma relação de informações orientadas por datas. Há indicação, além da marcação dos anos, dos meses em que determinado episódio ocorreu, assim, há o indício de que as informações procuram não despertar equívocos quanto ao espaço de tempo em que se desenvolveram. Ainda sobre o livro, é interessante mencionar que sua terceira parte, “Bibliografia”, traz uma relação organizada das obras do autor publicadas até a ocasião de elaboração desse compêndio, orientando em cada uma o nome, o gênero, a editora, a cidade e o ano tanto da primeira edição quanto da edição “atual” de cada volume (considerando-se 1980, data da publicação do compêndio de Tavares). Todavia, mais interessante foi notar o item “coautorias” sem a presença de *A descoberta do mundo*, livro infantil que Jorge Amado e Matilde Garcia escreveram e publicaram em coautoria pela Editora Schmidt, do Rio de Janeiro.

O texto, que não tem imagens de nenhuma natureza, toma como início o nascimento de Jorge Amado, em 1912, e conclui suas considerações em 1979, data de embarque do escritor para o Senegal. A composição das informações é bastante sintética, de forma que não há uma elaboração em formato de produção textual. O que se encontra é um conjunto de frases informativas concisas, dispostas uma abaixo da outra e, nesse sentido, não há tentativa aparente de se complementar os dados de forma a contextualizá-los. Assim, por exemplo, é dito que Jorge Amado em “1933, dez. Casa-se, em Estância, com Matilde Garcia Rosa” (TAVARES, 1982, p. 26), da mesma maneira que sua união posterior é informada: “1945, jul. Casa-se na Capital paulista com Zélia Gattai” (TAVARES, 1982, p. 36). Isto é, não há uma diferenciação nas formas de dizer, nesse caso.

Por fim, chamou-me atenção, ainda, a desinformação quanto à Eulália Dalila, pois, primeiro, a mim me pareceu que o autor creditou o apelido, Lila, como nome, “1935, jan. 25. Nascimento de sua filha Lila” (TAVARES, 1982, p. 30). Segundo, quando menciona a morte da menina, diz: “1949, dez, 19. Falece de mau súbito, no Rio, sua filha Lila” (TAVARES, 1982, p. 38), o que é um equívoco, já que Eulália morreu de leucemia.

A segunda publicação abordada neste tópico, *Jorge Amado: Literatura Comentada* (9), com organização de Álvaro Cardoso Gomes, possivelmente, é o livro mais conhecido entre todos. Isso porque faz parte da coleção “Literatura Comentada”, uma publicação da Editora Abril, dos anos 1980, que se popularizou facilmente em razão do baixo custo — também devido às grandes tiragens —, da propaganda, com direito a horário nobre na televisão, e da

facilidade de localização, porque estava presente senão em toda, em praticamente toda banca de revista da época.

Cada volume trazia um único autor para ser abordado. Assim, apresentava-se uma pequena biografia do homenageado da edição, excertos de sua obra, com comentários e explicações, entrevista, avaliações críticas, e exercícios de fixação. Ou seja, bem verdade, a coleção constituiu-se, na prática, como uma elaboração paradidática. Especificamente, no que toca à edição dedicada a Jorge Amado, com capa de Vitório de Paulo Gazolli, há 11 seções para as 128 páginas, dentre as quais, ilustro: i) Entrevista biográfica; ii) Cronologia biográfica; vi) Cronologia histórico-literária; vii) Características do autor; viii) Verificação dos conteúdos; ix) Exercícios de fixação.

Na seção “Entrevista Biográfica”, assinada pelo jornalista Antônio Roberto Espinosa, Jorge Amado responde a indagações diversas em torno de sua trajetória de vida. Assim, do ponto de vista das precisões biográficas, essa conversa é esclarecedora em relação a equívocos que se repetem sobre informações de sua vida, a exemplo do fato de lhe atribuírem nascimento em Ilhéus, ou da influência do Pe. Cabral e da história da redação, “O Mar”⁴, sempre romantizada por quem a conta. A esse respeito, Jorge Amado declara: “A influência dele sobre mim não foi tanto pelo fato citado da redação de português [...], veio de outra coisa, da abertura dele, do seu não sectarismo” (AMADO, 1981, p. 7). Por outro lado, a entrevista não vai além disso, isto é, não há questionamentos que reivindicuem respostas mais complexas e/ou aprofundamentos.

A próxima obra dessas narrativas híbridas é a *Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado* (10), que foi publicada no ano de 1997 pelo Instituto Moreira Salles, organização que se propõe a promover, desenvolver e ampliar programas culturais que atuam, principalmente, nas áreas de fotografia, música, literatura e iconografia. Assim, *Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado* (10) faz parte de um projeto maior que se propõe dar voz, ou melhor, capa — haja vista que cada volume é destinado a uma única figura expoente da literatura brasileira — ao autor. As 170 páginas em papel *couché* A4, contando da primeira à última folha do exemplar, seguem o mesmo padrão das demais publicações da *Cadernos de Literatura Brasileira* desde a apresentação da capa, com uma foto com efeito preto e branco do autor escolhido, até o conteúdo, que propõe uma exploração, que se pretende absoluta — eu diria — da vida e da obra do escritor. A *Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado*, excluída a apresentação, é dividida em nove seções assim denominadas: i) Memória

⁴ Conta-se que quando Jorge Amado tinha 11 anos (1923) foi chamado na frente da turma pelo professor Pe. Cabral, que lhe conferiu inúmeros elogios à sua redação, denominada “O Mar”. Ao que se diz, o Padre olha para ele e fala: “esse vai ser escritor!”.

Seletiva; ii) Confluências; iii) Entrevista; iv) Geografia Pessoal; v) Inéditos; vi) Variantes; vii) Correspondências; viii) Ensaios; e ix) Guia.

Destaco as informações de “Memória Seletiva” na qual identifico a intenção de se apreender a totalidade da vida do autor, pois a narrativa inicia em uma perspectiva cronológica linear com o episódio que antecede o nascimento de Jorge Amado, o casamento dos pais no ano de 1911, até o último registro possível da trajetória do escritor, a escolha de *Tieta do agreste* como tema do carnaval de Salvador em 1997. No que diz respeito à seção, saliento a padronização das informações: são dispostas em colunas idênticas de texto, nas quais estão contidas as informações da vida do autor, contadas em curtos parágrafos iniciados pelo ano ao qual se referem. As informações, de fácil apreensão, são auxiliadas por inúmeras fotos que dão conta de elucidar o breve texto biográfico. Dessas imagens do compêndio, destaco a presença de Zélia Gattai que, depois de Jorge Amado, é quem aparece com maior frequência nas ilustrações. Assim, nessa parte da obra, tem-se uma descrição sintética, organizada e *visualmente* totalitária da vida do autor, pois todas seguem uma mesma ideia, qual seja a de objetivamente tratar de Jorge Amado de forma que uma perspectiva homogênea (padronização no tamanho das informações acerca de cada ano de informações) prevaleça.

Em “Confluências” o leitor é convidado a admirar Jorge Amado enquanto escritor, companheiro e ser humano por meio do depoimento de amigos. Nessa seção, a meu juízo, edifica-se uma forma de assinatura que advoga em favor de Amado como possibilidade de oferecer-lhe maior credibilidade — se é que seu nome não bastasse por si — via *status* dos outros que o complementam:

Ao lado do escritor peruano Maria Vargas Llosa, escreve sobre Jorge Amado o antropólogo Darcy Ribeiro (no que viria a ser um dos seus últimos textos), o cineasta Nelson Pereira dos Santos, o economista Celso Furtado, a tradutora Francesa Alice Raillard e o arquiteto Oscar Niemeyer. (CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, 1997, p. 6)

Em “Entrevista”, Jorge Amado fala de sua trajetória ao longo da vida no que toca a assuntos de ordem diversa, como o processo de criação, a crítica em torno da sua produção, suas preferências de leitura, dentre outras questões. A diferença em relação ao livro de Alice Raillard (6), por exemplo, é a forma de abordagem com que se guiam os temas, naquela obra bem mais aprofundados.

De *Cadernos* também destaco a parte “Ensaios”, que traz textos teóricos a respeito da produção ficcional de Jorge Amado, cujos autores são Eduardo de Assis Duarte, Fábio Lucas e Roberto Da Matta. Essa seção me parece reivindicar a autoridade da crítica especializada para “convencer” o leitor acadêmico de que Jorge Amado é digno de sua atenção. Como se quisesse dizer: “mesmo que Jorge

Amado ainda ocupe os primeiros lugares entre os maiores *best-sellers* do país, ainda que escreva com uma linguagem ‘fácil’ as mazelas do mundo, mesmo seus livros tendo sido adaptados para a televisão e cinema, não esquecendo também que o autor reconhece a si mesmo como menor esteticamente quando comparado a outros destaques da literatura brasileira, ainda assim deve ser visto como intelectual com espaço na Academia”.

Afirmo, por fim, que a partir da análise das obras inseridas nessa seção, *O baiano Jorge Amado e sua obra* (8), *Jorge Amado: Literatura Comentada* (9) e *Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado* (10), identifico duas macropropostas de elaboração narrativa: i) a que se vale do uso variado de gêneros textuais para, abertamente, propor um “resumo” da obra de Jorge Amado, e aqui insiro os dois primeiros livros (8; 9); e ii) a que se vale da materialidade múltipla dos gêneros para impor a noção de “totalidade de apreensão” de vida/obra de Jorge Amado, ou seja, o último compêndio apresentado na seção (10). Dessa forma, enquanto o primeiro grupo assume que sua elaboração é resultado de uma seleção de recortes, o segundo, pelo contrário, advoga em favor de uma ilusão da compreensão máxima do biografado, como se não houvesse, depois daquela determinada publicação, nada mais de relevante para se falar acerca do personagem-protagonista em questão.

MEMÓRIAS (AUTO)BIOGRÁFICAS: CAPITÃO DE LONGO CURSO

Quando comemorava oitenta anos, Jorge Amado publicou *Navegação de cabotagem*, um livro com memórias que não é de memórias, conforme a declaração do próprio autor no que seria um quase subtítulo da obra: “Apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei”, originalmente publicado no ano de 1992. “Quase”, pois a primeira edição do livro não trazia o adendo ao título, diferente da que tenho em mãos, “By herdeiros de Jorge Amado”, da Editora Record (2006), no qual o anúncio ao gênero renegado é dado já na capa.

O livro reúne as lembranças do autor e, por conseguinte, as de acontecimentos marcantes do século XX, todas registradas sem ordenação cronológica, uma vez que, nas palavras dele: “As notas que compõem esta navegação de cabotagem (ai quão breve a navegação dos curtos anos de vida!), à proporção que me vinham à memória, começaram a ser postas no papel a partir de janeiro de 1986” (AMADO, 2006, p. 09). Assim, mesmo que não siga uma ordenação temporal crescente, é possível identificar a lembrança mais antiga, que ocorreu por volta da década de 1920, na qual Jorge Amado discorre

acerca do ciclo do cacau, bem como a mais recente, datada por volta dos anos de 1990, quando o autor residia ora em Paris, ora em Salvador.

Nesse ínterim, fala de suas produções ficcionais e das adaptações que delas emergiram; da mesma forma, o entorno familiar alcança acentuado espaço e Zélia Gattai, especialmente, ganha *status* de comandante na navegação amadiana que rememora sua capitã desde as primeiras páginas da viagem. Amigos também não são esquecidos, famosos ou não. Do mundo artístico muitos nomes emergem, a exemplo do artista plástico Aldemir Martins, do cubista Pablo Picasso, dos poetas Raul Bopp e Nicolás Guillén, assim como de outros escritores renomados da literatura, como Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, Osman Lins, Pablo Neruda, Gabriel García-Márquez, Mario Vargas Llosa e Rachel de Queiroz (massivamente, as rememorações trazem homens no papel de destaque).

As 544 páginas da edição que detenho se dão, portanto, sem um ordenamento que cumpra uma lógica temporal cronológica linear, ou qualquer outra aparente, seja uma divisão por capítulos, uma anunciação de temas comuns, uma marcação de rememorações preferidas, ou marcantes, ou tristes, ou felizes... Nada. A noção que se passa é a de que, metaforicamente, se está à deriva. Dessa forma, a leitura dos acontecimentos narrados, supostamente de maneira aleatória, organiza-se de um jeito que o leitor não é capaz de arranjar os fatos lado a lado, como em uma (auto)biografia, por exemplo, e o único recurso que ainda poderia lhe caber para organizar a dispersão de informações seria o da data e o do lugar, registrados na maioria dos apontamentos.

Todavia, Jorge Amado (2006, p. 09) anuncia:

De logo quero avisar que não assumo qualquer responsabilidade pela precisão das datas, sempre fui ruim para as datas, elas me perseguem desde os tempos de colégio interno. Estudante de história, interessado nas figuras e nos feitos, esquecia as datas e eram as datas que os professores exigiam. A referência a ano e a local destina-se apenas a situar no tempo e no espaço o acontecido, a recordação. Quanto aos apontamentos não datados, traduzem a experiência adquirida no correr dos anos: sentimentos, emoções, conjecturas.

Não, as datas não servem. Quer dizer, o escritor marca suas vivências no tempo e no espaço, reconhecendo, dessa forma, a importância desse movimento para a prática de leitura apreendida usualmente, mas, em concomitância, registra seu descompromisso com a precisão desse movimento. Ainda no que toca à construção do parágrafo citado acima, chama a minha atenção a própria elaboração, pois nela identifico a intencionalidade de aproximação pessoal com o leitor, de maneira a fazê-lo sentir-se um amigo, como se com o autor compartilhasse histórias, momentos e sentimentos comuns, ao passo que o

leitor é facilmente capaz de concordar com Amado: “sim, Jorge, também sou péssimo para datas!”. Baseando-me, desse modo, no contorno até aqui tracejado, ocupo-me a defender que o compêndio em questão, da primeira à última palavra, organiza-se de forma a apresentar-se despretensioso, o que se trata de uma construção intencional do autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE JORGE AMADO NAS NARRATIVAS BIOGRÁFICAS

A descrição e a análise das onze obras em foco corroboram para a afirmativa de que o espaço biográfico não somente abarca diversas formas discursivas entrelaçadas para a construção de narrativas biográficas, como também evidencia que tais produções desestabilizam os contornos tradicionais da hierarquia do gênero (auto)biografia. Isso tanto pensando em questões relativas às variadas estratégias de representação/autorrepresentação que podemos mapear quanto em relação aos formatos que são predominantemente relacionados a outras categorias, a exemplo da entrevista, muito mais comum ao gênero midiático, mas, como visto em *Conversando com Jorge Amado* (6), potencialmente pertinente para a narrativa de uma vida e tão digna de ocupar as estantes das escritas de si quanto os demais formatos já canonizados.

Nesse caso, a entrevista de Raillard marca uma diferença em relação às demais formas biográficas analisadas devido à posição dialógica que entrevistadora e entrevistador construíram, pois, contrário ao que foi visto, por exemplo, na entrevista de *Jorge Amado: Literatura Comentada* (9), que não teve o intuito de profundidade — seja pelo modelo da publicação, seja pelo público-alvo ou até mesmo pelo tamanho diminuto da seção —, *Conversando com Jorge Amado* (6) elabora uma outra proposta, que articula íntimo e público, singular e coletivo, porque reivindica e provoca também a participação do leitor a partir de seu conhecimento de mundo, de política, de literatura e de Jorge Amado. Isto é, embora uma entrevista se constitua por perguntas e respostas não há, para o leitor, uma “resposta”; quero dizer, essa narrativa dá conta de ambientar a lógica na impossibilidade de apreensão absoluta do vivido, de forma que a entrevista não se preocupa em reunir toda a vida ou toda a obra do entrevistado.

Esse ponto é bastante latente quando comparado a publicações como *Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado* (10), por exemplo, obra em que identifiquei a intenção de figurar como compêndio-referência sobre o escritor, a julgar pelo discurso de “integralidade”: da seleção de seções à padronização das informações. Como apontado, essa construção parece não querer deixar espaço para, em uma leitura rápida, notarem-se possíveis “falhas” informativas, pois, para o leitor, fica a impressão de que desbravou Jorge Amado de cima a baixo;

elaboração típica para exemplificar a “ilusão biográfica” de Bourdieu (2006), apresentada anteriormente.

Ainda em relação a essa questão de apreensão da totalidade de uma vida, recupero a primeira obra mencionada: *Jorge Amado: 30 anos de literatura* (1). É pertinente lembrar que, aparentemente, essa publicação teve intenção semelhante a *Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado* (10), pois também trouxe diversas e variadas seções sobre o biografado, no intuito de facultar para o leitor o escritor sob diversas lentes. Todavia, se esse realmente era o objetivo da obra, falhou. Isso porque a pressa do mercado percorreu sua elaboração, deixando explícito que a relação com o público e as formas de narrar foram atravessadas pela emergência de publicar um autor bastante rentável no período da publicação. Esse desleixo já não pode ser atribuído à segunda publicação em homenagem a *O país do carnaval*, pois em *Jorge Amado povo e terra: 40 anos de literatura* (2) somos apresentados a uma publicação explicitamente destinada, como mencionei na análise, a “universitários e secundaristas”; objetivo que distancia esse livro (2) do anterior (1). Assim, em *Jorge Amado povo e terra: 40 anos de literatura* (2), é possível localizar uma outra dicção, que se preocupa em não somente narrar a vida com várias vozes, mas narrar a vida com “as” vozes. Isto é, tendo como público estudantes, vê-se um esforço da edição em credibilizar a obra ao trazerem autoridades da área da literatura para falarem sobre Jorge Amado e seus temas de entorno, de romance a povo, de terra a vida.

No que diz respeito ao argumento de autoridade, é interessante contrapor essa produção com *Jorge Amado: retrato incompleto* (5), que elabora juízos de valor diante da prática da escrita biográfica reivindicando, o autor, sua qualidade de médico como medida de competência para reconhecer-se capaz somente de se aventurar na escrita biográfica e não na prática da crítica literária (dada a seriedade desta). As noções valorativas que se delineiam nesse caso passam tanto pelo imaginário comum do médico como modelo de sabedoria e conhecimento quanto pela perpetuação de práticas biográficas tradicionais, pois o autor privilegia procedimentos retóricos e se põe a narrar a vida de seu biografado quase como sendo um herói. Ao observar questões dessa ordem não defendo que a prática da escrita biográfica seja um direito de alguns, apenas. O que almejo é evidenciar a inferioridade que o autor parece ter conferido à prática biográfica. Além disso, destaco o discurso laudatório empreendido na descrição do relacionamento entre Zélia Gattai e Jorge Amado em oposição às menções a Jorge com Matilde e Lila; o que indica ação tendenciosa do biógrafo, que acaba por construir uma narrativa hagiográfica do então casal Amado-Gattai.

Em relação a Zélia Gattai, em *Um baiano romântico e sensual: três relatos de amor* (7), simbolicamente, é possível identificar a opção narrativa da autora como um movimento de “criação de memórias”, porque seu discurso é de que

teria acesso à exatidão dos fatos devido ao compartilhamento de informações por Jorge Amado. Novamente, a ação faz reivindicar as discussões do início deste texto sobre as considerações teóricas do fazer biográfico acerca da ficção da narrativa de uma vida. Quando acessamos o texto do próprio Jorge Amado a respeito dessas memórias, em *Navegação de cabotagem* (11), vemos uma construção de enunciação bastante diversa da construída por Zélia Gattai. Não no sentido de marcar a presença de si na vida um do outro, porque isso as duas produções têm muito em comum, mas sim no de Jorge Amado registrar, desde o título, uma proposta menor de registro quando assume o subtítulo “apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei”. Ou seja, Amado informa o leitor que não oferecerá memórias — grandiosas, significativas, testemunho de uma vida — mas sim apontamentos — rascunhos, anotações — orientados pela marcação de local e ano que, na prática, não servem porque não têm precisão. Daí a afirmação de que a narrativa amadiana é construída para deixar o leitor à deriva, fazendo dessa obra, afinal, a própria metáfora da memória.

Se em *Um baiano romântico e sensual: três relatos de amor* (7) acessamos uma produção cuidadosa e bem construída de um discurso biográfico, o mesmo não se pode dizer de *O baiano Jorge Amado e sua obra* (8), dado que o próprio autor anuncia a pressa na elaboração devido ao prazo editorial. Talvez por isso justifica-se o porquê de o livro parecer um eco de *Jorge Amado: vida e obra* (4), publicação que ambiciona entregar ao leitor a ilusão da totalidade da vida, o que, como visto em Bourdieu (2006) e em Arfuch (2010), é impraticável pela própria realidade comum da narrativa biográfica enquanto limiar de construção entre o histórico e ficcional.

Nessa operação do exercício de fazer escolhas, aceitar falhas e as lacunas da documentação, preenchendo-as com dedução ou imaginação, para retomar o que disse Dosse (2009), encontramos com *Jorge Amado 80 anos de vida e obra: subsídios para pesquisa* (3) em uma construção que transgride a personalidade comum às demais narrativas sobre o autor. Nessa obra, há equilíbrio de informações a respeito da vida de Amado sem a supressão e/ou diminuição de acontecimentos do início de sua trajetória, como seu envolvimento com o Partido Comunista ou o casamento com Matilde Garcia Rosa. Dessa forma, curiosamente, a produção que não reivindicou trazer “tudo aquilo que é importante saber sobre o autor de *Gabriela Cravo e Canela*”, como anunciou fazer Tâti em *Jorge Amado: vida e obra* (4), por exemplo, é justamente a obra que faculta ao leitor decidir o que é importante saber sobre o escritor, por não deixar de mencionar episódio “polêmicos” e/ou considerados dispensáveis pelos demais biógrafos. Essa opção de *Jorge Amado 80 anos de vida e obra: subsídios para pesquisa* (3) é compreensível pelo seu objetivo de informar pesquisadores, daí os recortes mais amplos. De todo modo, como visto,

retomando as onze obras aqui mencionadas, apresentadas e analisadas, é possível afirmar e reconhecer as particularidades das composições de forma a identificar as construções discursivas a partir das escolhas de como narrar, das subjetividades de seus autores e das aproximações ou distanciamentos que prestaram a seus leitores.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. Carta a uma leitora sobre romances e personagens. IN: MARTINS, José de Barros (org.) *Jorge Amado povo e terra: 40 anos de literatura*. São Paulo: Martins, 1972.

_____. IN: RAILLARD. Alice. *Conversando com Jorge Amado*. Trad. Annie Dymetman. Rio de Janeiro, Record. 1990.

_____. *Navegação de Cabotagem: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2010.

BASTIDE, Roger. Sobre o Romancista Jorge Amado. IN: MARTINS, José de Barros (org.). *Jorge Amado povo e terra: 40 anos de literatura*. São Paulo, Martins, 1972.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA: Jorge Amado. São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 3, 1997.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: EDUSP, 2009.

GATTAI, Zélia. Ai, que saudades de Jorge! IN: GATTAI, Zélia (org.). *Um baiano romântico e sensual: três relatos de amor*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GOMES, Álvaro Cardoso (org.). *Jorge Amado: Literatura Comentada*. São Paulo: Abril, 1981.

MARTINS, José de Barros (org.). *Jorge Amado: 30 anos de literatura*. São Paulo, Martins, 1961.

_____. *Jorge Amado Povo e terra: 40 anos de literatura*. São Paulo, Martins, 1972.

PEREZ, Renard. Notícia Biográfica. IN: MARTINS, José de Barros (org.). *Jorge Amado povo e terra: 40 anos de literatura*. São Paulo, Martins, 1972.

RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*. Trad. Annie Dymetman. Rio de Janeiro, Record. 1990.

RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como outro*. Campinas: Papyrus, 1991.

RUBIM, Rosane. CARNEIRO, Maried (orgs.). *Jorge Amado 80 anos de vida e obra: subsídios para pesquisa*. Salvador: Casa das Palavras, 1992.

SANTOS, Itazil Benício dos. *Jorge Amado: Retrato Incompleto*. Rio de Janeiro: Record, 1993.

TÁTI, Miécio. *Jorge Amado: vida e obra*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1961.

TAVARES, Paulo. *O baiano Jorge Amado e sua obra*. Rio de Janeiro: Record, 1982.

MARINA SIQUEIRA DREY é mestra em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (2017) e graduada em Letras - Língua Portuguesa pela mesma instituição. Atualmente é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC, na linha de pesquisa Subjetividade, Memória e História, e pesquisadora do Núcleo Literatura e Memória (NULIME). Dentre as suas publicações estão o artigo "Entorno e processo criativo do romance *Terras do Sem Fim*, de Jorge Amado" (*Patrimônio e Memória*, 2020) e o capítulo de livro "Jorge Amado e(m) 1941-1942: narrativa(s) biográfica(s)" (*Casa de Palavras*, 2017).